



Gilberto Cipriano do Nascimento  
ORGANIZADOR

# MEMÓRIAS DA COMUNIDADE

A HISTÓRIA QUE NÃO ESTÁ NOS LIVROS

Apoio Cultural



AYA EDITORA  
2026

# MEMÓRIAS DA COMUNIDADE

A história que não está nos livros

Apoio Cultural

Gilberto Cipriano do Nascimento  
(Organizador)

# MEMÓRIAS DA COMUNIDADE

A história que não está nos livros

Apoio Cultural



**AYA EDITORA**

**2026**

**Direção Editorial**

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

**Executiva de Negócios**

Ana Lucia Ribeiro Soares

**Organizador**

Gilberto Cipriano do Nascimento

**Autores - Alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro – Turma 2026**

Anny Evely Cavalcante de Lima

Brayna Soares da Silva

Brayno Soares da Silva

César Silva do Nascimento

José Madson de Moraes Tavares

Josué Vinicius da Silva Dantas

Kauã Henrique Rodrigues Câmara

Kauê Nascimento da Silva

Layla Sofia da Silva de Souza

Luiz Gustavo Dias da Silva

Maria Camila da Costa Trajano

Maria Cecília Avelino Trajano

Maria de Nazaré Nascimento da Cruz

Maria Eduarda Dias Jerônimo

Maria Eduarda Gomes

Maria Yasmim Fernandes dos Santos

Mariany Cardoso Costa

Nara Victória Costa de Oliveira

**Revisão**

Dâmárys de Araújo Lima Nascimento

**Apoio Cultural**

AYA Editora©

**Produção Editorial**

AYA Editora©

**Capa**

AYA Editora©

**Imagens de Capa**

Nano Banana Pro - Powered  
by Gemini 3

**Área do Conhecimento**

Ciências Humanas

## **Conselho Editorial**

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)  
Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)  
Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)  
Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)  
Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)  
Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)  
Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)  
Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)  
Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chioli (UTFPR)  
Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)  
Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)  
Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)  
Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)  
Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)  
Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)  
Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)  
Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)  
Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)  
Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)  
Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)  
Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)  
Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)  
Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)  
Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)  
Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)  
Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)  
Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)  
Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)  
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)  
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)  
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)  
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)  
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)  
Prof.º Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)  
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)  
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)  
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

## **Conselho Científico**

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)

Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)

Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)

Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)

Prof.º Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FAEF)

Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FAEF)

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FAEF)

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Tássia Patrícia Silva do Nascimento (UEA)

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2026 - AYA Editora - O conteúdo deste livro foi enviado pelo autor para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor, que assume total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões do autor, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente ao autor da obra.

---

M533 Memórias da comunidade: a história que não está nos livros [recurso eletrônico]. / Gilberto Cipriano do Nascimento (organizador) -- Ponta Grossa: Aya, 2026. 51 p.

Inclui biografia  
Inclui índice  
Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN: 978-65-5379-998-1  
DOI: 10.47573/aya.5379.1.480

I. Educação – Rio Grande do Norte -História. I. Nascimento, Gilberto Cipriano do. II. Título

CDD: 370.981

---

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

---

## **International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA**

**AYA Editora©**

**CNPJ:** 36.140.631/0001-53  
**Fone:** +55 42 3086-3131  
**WhatsApp:** +55 42 99906-0630  
**E-mail:** contato@ayaeditora.com.br  
**Site:** <https://ayaeditora.com.br>  
**Endereço:** Rua João Rabello Coutinho, 557  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
84.071-150

## **Agradecimentos**

*Os autores e o organizador agradecem à direção e equipe gestora da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro; às professoras Joelma Pereira e Sinesia Gomes, da Educação Especial, pelo suporte em sala de aula; às famílias dos estudantes, pelo incentivo; aos moradores de Parazinho que abriram suas memórias; e a todos que, de alguma forma, tornaram este livro possível.*

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – POR QUE CONTAR NOSSA HISTÓRIA?.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 2 – A ESCOLA MIGUEL MONTEIRO EM FOCO.....</b>	<b>14</b>
A escola como coração da educação em Parazinho .....	14
Das “Escolas Reunidas” à Escola Estadual Professor Miguel Monteiro .....	15
A Crise de 2009, abandono, ameaça de fechamento, bingo e reforma.....	17
Entrevista com Enoque Bezerra – “A vida inteira na Miguel Monteiro” .....	18
Entrevista com Elizaberte Cosme de Miranda – “76 anos de memória viva” .....	22
<b>CAPÍTULO 3 – ANTES DE SER CIDADE: ORIGENS DE PARAZINHO .....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 4 – O BAIRRO ONTEM E HOJE .....</b>	<b>25</b>
Como os alunos fizeram a pesquisa.....	25
O Pé de Figo: de galho seco a símbolo da cidade.....	27
Das ruas de barro ao calçamento.....	28
Do barreiro à água encanada.....	28
A chegada da energia elétrica .....	29
Convivência: da frente de casa às praças .....	29
Problemas que ainda existem.....	30
<b>CAPÍTULO 5 – TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA NA COMUNIDADE.....</b>	<b>31</b>
Infância na roça e vida da agricultura .....	31
Serviço público e outras formas de trabalho.....	31
Festa da padroeira e união do povo.....	32
Saúde, perda e desigualdade .....	32
<b>CAPÍTULO 6 – MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE.....</b>	<b>33</b>
“A melhor infância do mundo” .....	33

Juventude de festas e encontros .....	33
Memórias dos estudantes .....	34
<b>CAPÍTULO 7 – JUVENTUDE HOJE: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
Desafios dos jovens na comunidade .....	40
Drogas e vulnerabilidade .....	40
Falta de projetos culturais e esportivos.....	41
A força do incentivo .....	41
<b>CAPÍTULO 8 – ORGULHO, DOR E ESPERANÇA.....</b>	<b>42</b>
Edileusa e a vaquejada: primeira imagem da comunidade.....	42
O acolhimento como maior riqueza.....	42
Orgulho de viver aqui e preocupação com o emprego .....	43
<b>CAPÍTULO 9 – O PROJETO E OS ESTUDANTES PESQUISADORES.....</b>	<b>44</b>
Bastidores da pesquisa: erros, acertos e recomeços.....	44
O que aprendemos sobre a comunidade.....	45
O que aprendemos sobre nós mesmos.....	45
<b>APÊNDICE – FONTES ORAIS CONSULTADAS .....</b>	<b>47</b>
<b>SOBRE O ORGANIZADOR .....</b>	<b>49</b>

# PREFÁCIO

## **Memórias da Comunidade – A História que não está nos livros.**

O presente livro, idealizado pelo Professor Historiador Gilberto Cipriano, juntamente com os nossos alunos do 9º Ano da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, enche-nos de um orgulho ímpar, de ver os nossos adolescentes se tornarem escritores da sua própria história nessa jornada escolar.

A primeira vez que ouvi falar da cidade de Parazinho foi em 2019, nos bancos universitários em minha licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literatura, pois em minha turma havia duas filhas de Parazinho, que eram professoras da nossa escola. Foi quando descobri a importância da Miguel Monteiro, que já era um ponto marcante na época em que Parazinho ainda era distrito da cidade de João Câmara.

E foi ali que também passei a ter o mesmo carinho e respeito pelo chão desta escola. E, hoje estou aqui como concursada do estado, prestando serviço à comunidade escolar, na qual exerci vários papéis: professora, mãe, coordenadora administrativa financeira, e atualmente gestora. Esse chão é o meu segundo lar, e não só o meu, mas de todos que lá se encontram: funcionários, alunos e família. É lindo de ver esta relação entre a comunidade e a escola.

Este trabalho do professor é de fundamental importância para a nossa escola e para a cidade de Parazinho, é um resgate das memórias afetivas de um povo se concretizando num livro, no qual se eternizarão as lembranças. É este o papel do livro e dos nossos alunos: resgatar, registrar e eternizar toda a memória e cultura da nossa escola, da nossa cidade e do nosso povo.

Debruçar-se na leitura do presente livro é encher-se de emoção, sorrisos e lágrimas, é enxergar uma escola e uma cidade, contada pelo povo, seus registros sociais, políticos, educacionais, memórias vividas e contadas, prazerosamente, tudo escrito com muito amor e dedicação.

Acreditem, vocês também irão se emocionar!

***Karla Roberta Freire de Oliveira***

*Diretora da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro*

# CAPÍTULO 1 – POR QUE CONTAR NOSSA HISTÓRIA?

Este livro nasceu na Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, em Parazinho (RN), a partir de uma pergunta lançada pelo professor Gilberto Cipriano do Nascimento, organizador desta obra inédita, aos seus alunos: por que a história da nossa comunidade quase não aparece nos livros? Durante as aulas de História, os estudantes do 9º ano perceberam que, nos livros didáticos, aparecem grandes cidades, guerras famosas, presidentes, reis e datas importantes. Mas quase não se fala da escola onde eles estudam, do bairro onde moram, das festas e lembranças das famílias, das lutas do povo de Parazinho para trabalhar, estudar e viver com dignidade.

A partir disso, surgiu a ideia de transformar a sala de aula em um espaço de investigação. Em vez de apenas ler sobre a história dos outros, os alunos passaram a pesquisar a própria história, entrevistando moradores, registrando memórias e consultando documentos.

Para organizar o trabalho, a turma foi dividida em três grupos:

- **Grupo 1 – Nossa Escola, Nossa História**
- **Grupo 2 – O Bairro Ontem e Hoje / Trabalho, Vida e Lutas da Comunidade**
- **Grupo 3 – Cultura, Lazer e Juventude / Memórias, Identidade e Futuro**

Cada grupo saiu a campo: conversou com familiares, vizinhos, ex-alunos, professores, moradores antigos, trabalhadores e jovens. Aos poucos, foram surgindo relatos sobre a origem de Parazinho, a importância da escola Miguel Monteiro, o trabalho na roça, a vida na cidade, a vaquejada, as festas, o acolhimento, as dificuldades e os sonhos para o futuro.

Este livro é resultado desse esforço coletivo. Ele não pretende contar “toda” a história de Parazinho, mas registrar parte das memórias de quem vive aqui, vistos pelos olhos e pela escrita dos estudantes.

**Figura 1 - Os alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, autores e pesquisadores do projeto Memórias da Comunidade, com o professor organizador Gilberto Cipriano do Nascimento e as professoras da Educação Especial Joelma Pereira e Sinesia Gomes. Parazinho (RN), 2026.**



# CAPÍTULO 2 – A ESCOLA MIGUEL MONTEIRO EM FOCO

*(Grupo 1 – Henrique Câmara; Brayno Silva; Madson Morais; Gustavo Silva; Kauê Silva; Josué Vinícius – Nossa Escola, Nossa História)*

## A escola como coração da educação em Parazinho

A história da educação em Parazinho é, antes de tudo, uma história de persistência e de luta coletiva. Não foi um caminho fácil nem garantido; foi uma conquista construída com esforço por muitas mãos, ao longo de décadas. Mais do que um prédio, a Escola Estadual Professor Miguel Monteiro representa um espaço de resistência e transformação, atravessando gerações e formando cidadãos que contribuíram – e continuam contribuindo – para o desenvolvimento da cidade.

Antes mesmo de Parazinho existir oficialmente como município, a educação já pulsava em suas raízes. É preciso voltar ao tempo em que a região ainda era distrito de João Câmara, conhecida como Baixa Verde. Estudar, naquele período, era um privilégio restrito. Poucas famílias tinham acesso à instrução, e os recursos eram escassos.

Foi nesse cenário que surgiu um marco: a instituição que mais tarde receberia o nome de Escola Estadual Professor Miguel Monteiro. Criada inicialmente como Escolas Reunidas, ela é mais antiga do que a própria emancipação política de Parazinho, ocorrida em 8 de maio de 1962. Antes mesmo de sermos cidade no papel, o brilho e o compromisso dessa escola já iluminavam a vida das pessoas da região.

A “Miguel Monteiro” tornou-se, assim, o coração da educação no Mato Grande. Sendo a escola mais estruturada da época, servia de referência para outras instituições que estavam se formando e chegou inclusive a emprestar seu nome para escolas rurais em comunidades vizinhas. Era comum que professores e gestores da comunidade fossem convidados a orientar outras localidades, reconhecidos pelo trabalho pedagógico e pelo compromisso com o ensino público.

## Das “Escolas Reunidas” à Escola Estadual Professor Miguel Monteiro

A escola funcionava como um verdadeiro ponto de gravidade da comunidade: encontros, festas e até decisões administrativas passavam, de algum modo, por ela.

**Figura 2 - Alunos da Escola Isolada Professor Miguel Monteiro enfileirados no pátio, com a bandeira do Brasil ao fundo. Ao fundo, o prédio original da escola, ainda com chão de terra. Na década de 1960. Acervo pessoal.**



**Entrevista com Maria Elita Cosmo da Silva Oliveira– “Para a escola não fechar.”**

**Entrevistada: Maria Elita - 68 anos**

**Local:** residência da entrevistada

**Data:** 13 de abril de 2026

*Infância, escola antiga, merenda, farda, lampião, roçado*

Para a ex-diretora Maria Elita, que também foi aluna da Miguel Monteiro, a escola foi literalmente o ponto de partida da sua vida escolar e profissional. Ela lembra que, quando estudava ali, o prédio ainda funcionava onde hoje é o Parque dos Coqueiros:

*“Eu resolvi de fato assumir a escola para não fechar, foi a primeira escola da região. Eu estudei nesta escola, e antigamente a escola era localizada onde hoje chama-se Parque dos Coqueiros. Era apenas uma sala de aula e, do lado, o banheiro. Era um banheiro só, e se entregava a merenda por uma janelinha que já era virada para a sala de aula.”*

As condições materiais eram bem diferentes das atuais. A merenda praticamente não existia como rotina:

*“Na época só tinha merenda uma vez no ano, não havia nem geladeira. Nós é que levávamos o lanche para a escola: levava banana, manga, bolacha, pedaço de rapadura. Não havia biscoito como hoje. O pão nós comprávamos de oito em oito dias, não existia padaria em canto nenhum. Era na feira, que vinha um homem de Caiçara, chamado Chico Padeiro – O pão era uma relíquia.”*

O fardamento também marcava aquele tempo:

*“Em relação ao fardamento, na época era uma saia pregueada e uma blusa. No início do ano, não se exigia farda, mas, quando passava o Sete de Setembro, era exigência ir de farda para a escola até o final do ano. Havia uma banda pequena e os policiais iam nos ensinar a marchar.”*

A organização das turmas seguia o modelo das salas multisseriadas, comuns nas escolas do interior:

*“As salas eram chamadas de multisseriadas. Pela manhã era 1ª, 2ª e 3ª série, e a 4ª série (à tarde), que hoje é o 5º ano. Não havia muitos alunos na época para alfabetização.”*

Mais tarde, já adulta, Maria Elita voltou à mesma escola como professora:

*“Quando eu tinha 18 anos eu fui ensinar no Miguel Monteiro – que na época era o MOBREAL – Movimento Brasileiro de Educação, um programa educacional criado pelo Governo Federal em 1967 (operacionalizado em 1970) durante a ditadura militar para alfabetizar jovens e adultos. Não havia energia, era lampião a gás, que a gente pendurava num arame que ficava no caíbo. Naquela época, os alunos iam mais para aprender a ler e escrever o nome deles, da cidade de Parazinho e a data da votação, pois aqueles adultos tinha o interesse em votar nas eleições municipais.”*

As memórias dela também revelam a forte presença do trabalho no roçado e a resistência de muitos pais em liberar os filhos para estudar:

*“No passado, não tinha como todas as pessoas estudarem, pois, o único meio para sobreviver era a agricultura, e os pais não deixavam os filhos irem para a escola. Minha mãe era analfabeta e falava assim: “Juca, esses meninos não vão para a escola porque o roçado está nas maiores alturas!”. Ele dizia assim: “Quem for para a escola pela manhã vai para o roçado à tarde, e quem for para a escola à tarde vai para o roçado pela manhã”. Pela minha mãe, nós não teríamos ido para a escola, e assim, como muitos pais, muitos adolescentes e jovens não puderam frequentar a escola.”*

Como professora, ela viveu na prática esse conflito entre estudo e trabalho:

*“Eu já estava ensinando quando uma adolescente chegou para mim e disse: “Elita, fala com meu pai para eu ir estudar, ele não deixa, porque nós temos que ir para o roçado.” Eu fui falar com o pai dela, e ele não deixou. Falou para mim assim: “Eu não sei ler e estou vivendo”. Quando eu falei para a ela, a menina se abraçou comigo e chorou tanto que eu chorei com pena dela. Se não fosse o meu pai, eu não tinha conseguido estudar e trabalhar. Naquele contexto, o trabalho, o meio de sobrevivência, era o roçado.”*

## A Crise de 2009, abandono, ameaça de fechamento, bingo e reforma

Estudar na Miguel Monteiro representava prestígio e oportunidade. O ensino era visto como forma de ascensão social e de orgulho familiar. Os professores, respeitados e admirados, eram figuras de autoridade e inspiração.

Hoje, ao caminhar pelos corredores e observar suas paredes, é inevitável pensar em todas as histórias que esse espaço preserva. Os mesmos muros que abrigam as turmas atuais já assistiram ao início das trajetórias de inúmeros parazinhenses que se tornaram comerciantes, líderes comunitários, servidores públicos e pais de novos alunos. O DNA da Miguel Monteiro está presente em cada rua, cada casa e cada história de superação desta cidade.

Mais de sete décadas depois, a escola continua cumprindo seu papel de formar cidadãos críticos e conscientes. Mantém viva a herança daqueles que acreditaram que o conhecimento era o melhor caminho para o futuro. A Escola Miguel Monteiro, além de pertencer ao passado, também é o alicerce do presente e o ponto de partida para avanços futuros.

Maria Elita também revelou uma perda que marcou profundamente a história documental da escola. Segundo ela, nos anos 1980, uma diretora

que assumiu a instituição considerou que o arquivo histórico não tinha valor e determinou sua destruição: livros de matrícula, atas de resultados finais e documentos de anos anteriores foram queimados. As consequências dessa decisão persistem até hoje, quem precisar comprovar sua passagem pela escola naquele período não encontrará registros.

## Entrevista com Enoque Bezerra – “A vida inteira na Miguel Monteiro”

**Entrevistado: Enoque Bezerra da Silva – 62 anos**

**Local:** casa do entrevistado

**Data:** 28/03/2026

### *De aluno a diretor*

Enoque Bezerra da Silva conta que sua vida e a de sua esposa se confundem com a história da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro:

*“Na realidade, a minha vida e a da minha esposa foi toda na Miguel Monteiro. Estudamos da 1ª série até a 4ª série. Nesse período não tinha o ginásio, quem concluía a 4ª série teria que ir para outra cidade para concluir os estudos. Em 1983, eu iniciei como professor na Miguel Monteiro, um tempo depois, de 1995 até 2002 eu fiquei na direção da escola, voltei para a sala de aula e tive um período como vice-diretor, até que há três anos eu me aposentei.”*

Assim, ele passou por quase todas as funções dentro da instituição: aluno, professor, diretor e vice-diretor.

### *Como era a escola quando ele chegou*

Na infância de Enoque, a escola funcionava no conjunto Parque dos Coqueiros e tinha o nome de Escola Isolada Miguel Monteiro, porque era uma única unidade. Com o tempo, passou a se chamar Escolas Reunidas Professor Miguel Monteiro e, mais à frente, Escola Estadual Professor Miguel Monteiro.

Segundo ele:

*“Por que ‘Escolas Reunidas’? Justamente por causa do nome de um professor, Miguel Monteiro, que deu nome a outras escolas do estado.”*

A instituição, além de atender os moradores da região, ajudava a formar professores e a orientar outras escolas que iam surgindo.

### *Momentos marcantes e pessoas importantes*

Quando perguntado sobre o momento mais marcante na Miguel Monteiro, Enoque responde:

*“Todos os momentos na Miguel Monteiro foram importantes, desde o início da minha vida escolar, o início da minha atividade profissional como educador em 1983 e o período em que eu passei à frente da gestão, em que a gente pôde regularizar um trabalho para a melhoria da escola.”*

Sobre as pessoas importantes para a trajetória da escola, ele destaca:

*“O primeiro elemento fundamental de uma escola são vocês, alunos. Sem alunos não existe escola, atividades, professores. Para mim, particularmente, foram os meus professores e todos os professores e diretores, mas o eixo principal de uma escola são os alunos. Cada pessoa que cruzou a Miguel Monteiro tem sua parcela de contribuição. Todas as pessoas, durante quatro ou cinco décadas, foram influenciadas pela Miguel Monteiro. Muitas pessoas se tornaram vereadores, prefeitos, comerciantes. Quase todos os vereadores hoje passaram pela Miguel Monteiro.”*

### *Crise, risco de fechamento e recuperação*

A escola também passou por um período de crise. A partir de mudanças nas políticas educacionais, surgiu uma disputa por recursos entre o Estado e o município. Houve articulação para transferir os alunos para a rede municipal e encerrar as atividades da escola estadual. Ao mesmo tempo, atritos internos e disputas pela direção agravaram a situação, fazendo com que a instituição funcionasse com um número mínimo de alunos.

Após essa fase de decadência, a escola entrou em um período de recuperação física e institucional. Com reformas, reorganização do trabalho e o esforço das gestões recentes, a Miguel Monteiro conseguiu se manter viva, reafirmando seu papel como referência de educação para a comunidade.

Uma das pessoas que estiveram à frente desse processo de recuperação foi justamente Maria Elita. Ela conta que, em 2009, a escola se encontrava praticamente abandonada:

*“Quando foi em 2009 eu estava trabalhando em outra escola. O Miguel*

*Monteiro estava abandonado, ninguém queria mais ficar na direção. Na outra escola eu era vice-diretora. O muro da escola tinha caído quase todo, os banheiros femininos, os vasos foram quebrados quase todos, o telhado todo deteriorado. Quando você olhava, pelos espaços nas telhas, dava para ver o céu. O portão da frente estava apenas encostado. O piso na frente era barro, quando chovia enchia de água, os alunos escorregavam, caíam, vinham correndo, se danavam no chão. Era uma agonia danada. Ninguém queria ser diretor, queriam fechar a escola.”*

Foi então que um vereador, preocupado com a situação, entrou em contato com ela:

*“Existia uma pessoa que era de João Câmara e se tornou vereador aqui, o Lelo. Ele ligou para mim. Na época não existia celular, era telefone fixo, e aqui em casa tinha um telefone. Lelo disse: “Elita, estou aqui na Secretaria de Educação com um amigo, e ele está pedindo pelo amor de Deus para arranjar uma pessoa para ficar na direção da escola Miguel Monteiro. Ninguém quer assumir e a escola vai fechar”. Eu respondi: “Homi<sup>1</sup>, eu sou vice-diretora em outra escola, então vou falar com a diretora por nome de Luiza.”*

A conversa com a diretora da outra escola foi decisiva:

*“Na conversa com Luiza, ela disse: “Não, mulher, se for para fechar a escola, você vai, eu arranjo outro vice.”*

Segundo Maria Elita, havia um interesse concreto em fechar o Miguel Monteiro:

*“O prefeito da época queria fechar a escola para aumentar o posto de saúde da cidade. Ele estava feliz da vida, pois tinha certeza de que a escola iria fechar para aumentar o posto de saúde. O vereador ficava ligando, preocupado para não fechar, aí acabei aceitando ser diretora da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro.”*

Ao assumir a direção, ela encontrou um prédio em ruínas e quase nenhum recurso. A saída foi mobilizar a comunidade:

---

*1 O termo “Homi” é uma variação fonética regional da palavra “homem”, comum na fala cotidiana do interior do Rio Grande do Norte e de outros estados do Nordeste brasileiro. Usado como interjeição ou vocativo, não se refere necessariamente a uma pessoa do sexo masculino, funcionando como equivalente a expressões como “meu amigo”, “cara” ou “gente”. A forma revela um traço característico da oralidade sertaneja, em que a supressão ou alteração de sílabas finais é recorrente. A expressão foi registrada neste livro em sua forma original, como parte do compromisso do projeto Memórias da Comunidade: A história que não está nos livros de preservar fielmente a fala dos entrevistados, valorizando o modo de se expressar da comunidade de Parazinho (RN).*

*“Eu saí no comércio pedindo ajuda a um e a outro. Um dava dinheiro em espécie, outra dava água, outro cimento, telha, vaso sanitário. E eu pensei: e a mão de obra? Fui na Câmara dos Vereadores, que era vizinha à casa do padre, o anexo da câmara, e os vereadores da época compraram a ideia. Um me deu uma bicicleta, outro deu celular, outro me deu um fogão, cada um deu um objeto para que eu pudesse realizar um bingo. Foi o dinheiro que consegui para pagar a mão de obra. Eu ganhei tijolo também, muita coisa. Ajeitamos a escola.”*

### *O cancelamento da aposentadoria, anos na direção, outra escola e balanço da educação*

O esforço para manter a escola aberta mexeu inclusive com a vida pessoal e profissional de Maria Elita:

*“Isso foi em 2009. Eu passei de 2009 a 2016 na direção. Em 2009, eu tinha dado entrada na minha aposentadoria, cheguei a me aposentar e, devido ao risco de a escola fechar, fui à secretaria e pedi para cancelar a minha aposentadoria. Eu passei oito anos na direção e, em 2017, ainda passei trabalhando, não como diretora, mas como auxiliar de tudo. Foi reativada a minha aposentadoria e ela saiu em 2018. Eu estava trabalhando no Miguel quando fui convidada para ser diretora em outra escola no município, com a troca da gestão.”*

Ao olhar para trás, ela resume as transformações vividas pela comunidade e pela escola:

*“E o que mais mudou em Parazinho foi a educação, que se desenvolveu junto com a cidade. Teve época que teve até faculdade aqui na cidade.”*

Na fala de Maria Elita, a escola aparece, mais uma vez, ligada ao trabalho no campo e às mudanças de mentalidade ao longo do tempo. O que antes era motivo para tirar os filhos da sala de aula – o roçado como único meio de sobrevivência – hoje convive para com a compreensão de que a educação é o caminho de futuro para as novas gerações.

A história da escola não existe isolada. Ela faz parte de uma cidade que nasceu de roçado, de algodão, de gado e de muita luta. Depois de conhecer melhor a Miguel Monteiro, precisamos olhar para o lugar onde tudo isso começou: o povoado que se tornaria Parazinho.

## Entrevista com Elizaberte Cosme de Miranda – “76 anos de memória viva”

**Entrevistada: Elizaberte Cosme de Miranda – 76 anos**

**Local:** residência da entrevistada

**Data:** 11 de abril de 2026

### *Uma vida ligada à escola e à cidade*

Elizaberte Cosme de Miranda nasceu em Santa Rosa, na Paraíba, e chegou a Parazinho ainda criança, com apenas seis anos de idade. Aqui construiu sua vida: foi casada com o quinto prefeito do município e dedicou grande parte de sua trajetória profissional ao serviço público, atuando em diversas áreas, inclusive no estado do Rio Grande do Norte. Durante 26 anos, trabalhou na Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, instituição que marcou profundamente sua história pessoal e profissional.

### *O que mudou: liberdade, ansiedade e a relação escola-família*

Quando perguntada sobre o que mais mudou na comunidade e na escola desde sua infância, Elizaberte destacou as transformações no comportamento dos alunos:

*“O que eu acho que mudou muito foi a liberdade das alunas, porque quando eu comecei a estudar com 7 anos, bastava a professora olhar que obedecíamos. Não sei se é porque todos se conheciam e eram poucos alunos, as salas eram mais calmas. Os alunos hoje estão com muita ansiedade, acredito que a escola e os pais deveriam se unir para um estudo ou método para descobrir.”*

A fala de Elizaberte toca em um ponto que aparece em outras entrevistas deste livro: a relação entre família, escola e os desafios emocionais que os jovens enfrentam hoje. Para ela, a parceria entre essas duas instâncias é essencial para entender e apoiar os estudantes.

## Memórias marcantes: a régua, a palmatória e o hino nacional

Ao ser convidada a compartilhar uma lembrança marcante da escola, Elizaberte trouxe um relato rico em detalhes sobre como era o cotidiano escolar na sua época:

*“Quando eu estudava, a nossa alegria era que a escola tinha participação na igreja. A professora Joana D’Arc era católica, ela incentivava e até nos trazia para as comemorações da igreja católica. E os momentos bons: desfile de 7 de setembro, os soldados se dedicavam a ensinar a gente a marchar e as disciplinas. Quando o professor entrava na sala, nós levantávamos para receber o professor, hoje em dia não tem mais isso. Rezávamos, cantávamos o hino nacional e havia o dia de cantar o hino do Rio Grande do Norte.”*

Mas nem tudo era positivo. Elizaberte também falou, com honestidade, sobre os aspectos mais duros da educação da época:

*“E existia as coisas negativas: a gente apanhava, tinha a régua e a palmatória. Ninguém saía correndo, gritando; qualquer queixa tinha que deixar com a mãe. Era negativo, mas ajudava, porque tinham medo de desrespeitar. Tínhamos que decorar a tabuada, o livro e outras coisas.”*

O relato de Elizaberte revela um tempo em que a disciplina era imposta pela força, algo que hoje reconhecemos como inadequado, mas que ela descreve com a sinceridade de quem viveu aquela realidade e ainda reflete sobre ela. Sua memória é, ao mesmo tempo, um registro histórico e um convite para pensar em como a educação mudou, e em como ainda pode melhorar.

# CAPÍTULO 3 – ANTES DE SER CIDADE: ORIGENS DE PARAZINHO

*(Grupo 2 – Mariany Costa; Yasmim Santos; Eduarda Jerônimo; Eduarda Gomes; Anny Lima; Nara Victória; Layla Sofia – O Bairro Ontem e Hoje / Trabalho, Vida e Lutas da Comunidade)*

A história de Parazinho começa bem antes das ruas asfaltadas, das casas atuais e da movimentação que vemos hoje. Por volta da década de 1930, a região ainda era um pequeno povoado ligado às grandes fazendas de gado. Em meio à terra seca, o algodão passou a ganhar espaço como uma das principais culturas, e foi em torno dessa economia que o lugar começou a se transformar em um ponto de comércio importante no interior do Rio Grande do Norte.

Lideranças locais, como João Severiano da Câmara, tiveram papel decisivo para que esse povoado crescesse e se tornasse referência para as áreas vizinhas. Aos poucos, o povoado foi se desenvolvendo, até que, em 8 de maio de 1962, a comunidade conquistou sua emancipação política, desmembrando-se de João Câmara (antiga Baixa Verde) e tornando-se município.

Os documentos do IBGE e as leis estaduais registram essa trajetória, mas a memória viva de quem mora aqui acrescenta detalhes que não aparecem em papel nenhum: o clima de seca, o esforço dos agricultores, a importância do algodão e do gado, as primeiras casas e o comércio nascendo devagar.

Conhecer o nascimento de Parazinho ajuda a entender o cenário geral, mas a vida concreta das pessoas acontece nos bairros, nas ruas, nas casas, nas escolas e nas praças. Por isso, no próximo capítulo, aproximamos ainda mais o olhar e perguntamos: como era – e como é – o nosso bairro?

# CAPÍTULO 4 – O BAIRRO ONTEM E HOJE

## Como os alunos fizeram a pesquisa

O professor Cipriano dividiu os estudantes em dois subgrupos, A e B. As alunas do Subgrupo A – Layla, Nara, Anny e Eduarda Dias – primeiro se reuniram na casa de Nara para conversar e organizar as ideias. Depois, foram para a rua entrevistar moradores da comunidade: seu Chiquito, Pedrinho, João, dona Chiquinha, Mariquinha, Núbia, Fia e seu Zé.

O Subgrupo B – Mariany, Eduarda Gomes e Yasmim – também entrevistou moradores antigos, ouvindo especialmente uma senhora que mora no bairro desde 1952, quando ainda era criança.

Desse conjunto de entrevistas, surgiram memórias sobre o Pé de Figo, sobre a origem de Parazinho, sobre as ruas de barro, a água carregada em latas, a chegada da energia elétrica e as mudanças no jeito de viver.

### *Entrevista com Jonas e as fotos antigas de Parazinho*

Em um domingo, Nara, Anny, Layla, Eduarda Dias, Mariany e Yasmim se reuniram na casa de Nara para decidir o que fariam com as perguntas e quem iria realizá-las. Nessa mesma época, o grupo também conseguiu algumas fotos antigas de Parazinho.

Depois disso, fizeram perguntas para Jonas, que contou que muitas coisas mudaram com o tempo. Antigamente não existiam lugares que hoje são comuns, como farmácias e postos de gasolina. Ele também falou sobre os estudantes, explicando que hoje em dia há ônibus para levá-los à escola, mas, no passado, não havia esse transporte: quando existia algum meio, era o jumento.

Além disso, não tinham cadeiras na sala de aula; os alunos sentavam no chão de barro. Jonas comentou ainda sobre as festas, dizendo que eram bem diferentes de hoje. Antigamente não havia drogas, brigas nem violência, e as pessoas eram mais unidas. Já hoje essa união não é mais tão presente como antes.

O grupo também viveu uma situação engraçada durante a pesquisa: uma vaca correu atrás deles e quase ficaram atolados em uma poça de lama.

As fotos coletadas são fontes visuais: elas mostram a evolução e o desenvolvimento da cidade de Parazinho ao longo do tempo – como eram as ruas, as casas e os espaços públicos, e como foram melhorando com o passar dos anos. Ao olhar para essas imagens, surgem perguntas como: como era a cidade antes? O que mudou com o tempo? Como viviam as pessoas? As fotos revelam o crescimento da cidade e despertam curiosidade sobre o seu desenvolvimento.

O grupo também conseguiu uma foto com uma senhora ligada à antiga vala de Parazinho, construída na década de 1890, onde o marido dela trabalhou. Ela contou um pouco sobre como era difícil aquela época e como essa obra foi importante para a comunidade, trazendo melhorias para a vida das pessoas que moravam na região.

**Figura 3 - Trabalho na enxada: moradores constroem a antiga vala de Parazinho, década de 1980.**



**Figura 4 - A vala de Parazinho já construída, mudando a paisagem e o escoamento da água na cidade.**



## O Pé de Figo: de galho seco a símbolo da cidade

As entrevistas confirmaram uma história muito interessante: o Pé de Figo, hoje um dos símbolos de Parazinho, foi plantado por um senhor chamado Raimundo Nonato. Segundo os moradores, a árvore era, no início, apenas um galho sem vida. Ao longo dos anos, foi criando raízes, crescendo e, até hoje, permanece viva e bonita.

**Figura 5 - O Pé de Figo ao entardecer: símbolo vivo da identidade de Parazinho, plantado por Raimundo Nonato e ponto de encontro da comunidade há décadas. Foto: Aluna Yasmim Fernandes.**



O Pé de Figo se tornou um ponto de encontro chamativo. As pessoas se interessam em saber como a árvore está, se ainda está forte, se continua sendo lugar de reunião e conversa. Desse modo, o Pé de Figo não é uma simples árvore, mas um marco da identidade da cidade.

## Das ruas de barro ao calçamento

Pelas falas dos moradores, fica clara a diferença entre o passado e o presente.

Antigamente:

- as ruas eram de barro, sem calçamento;
- não havia asfalto;
- “era tudo muito simples, era só poeira”.

Hoje, há ruas calçadas, algumas vias asfaltadas e mais estrutura. Para quem vive aqui desde a década de 1950, essa mudança é uma das mais visíveis no bairro.

**Figura 6 - Rua de Parazinho após o calçamento: uma das transformações mais visíveis na cidade ao longo das últimas décadas.**



## Do barreiro à água encanada

Outro ponto muito lembrado é a questão da água. No passado:

- as pessoas carregavam água em latas;

- usavam uma fita de lata<sup>2</sup> para tirar água do barreiro;
- tomavam banho, cozinhavam e faziam tudo com essa água de barreiro ou da caixa d'água da rua.

Com o passar do tempo, chegou a água encanada, que hoje sai diretamente das torneiras das casas. Os entrevistados destacam que isso facilitou muito a vida da população.

## A chegada da energia elétrica

Entre as grandes mudanças lembradas pelos moradores, está a chegada da energia elétrica. Antes, a iluminação era feita com lampiões ou lampião a gás. À noite, a escuridão era muito maior.

Um morador que vive no bairro desde 1952 contou que, para ele, uma das maiores transformações foi justamente deixar o tempo dos lampiões e passar a ter luz elétrica nas casas e nas ruas. Isso mudou os horários, as formas de lazer e a própria sensação de segurança.

## Convivência: da frente de casa às praças

As entrevistas também mostram uma transformação na convivência:

- No passado, as pessoas se encontravam nas portas das casas, sentavam para conversar, brincar e ver o movimento da rua.
- Hoje, muitos encontros acontecem nas praças, que se tornaram marcas importantes do município.

---

*2 O termo "fita de lata" refere-se a uma tira metálica reaproveitada, utilizada como substituta de corda para retirada de água em barreiros, cacimbas e açudes, prática comum em áreas rurais do semiárido nordestino antes da expansão do abastecimento encanado. A expressão foi registrada por meio de pesquisa de campo, com entrevistas realizadas por alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, no município de Parazinho, compondo o projeto do E-book Memórias da Comunidade: A História que não está nos livros. Trata-se, portanto, de um registro de tradição oral, podendo ser contextualizado por estudos sobre o modo de vida sertanejo, como em Os Sertões (1902) e Vidas Secas (1938).*

**Figura 7 - Vista da praça central de Parazinho, com a Igreja Matriz ao fundo.**



Ao mesmo tempo, os moradores comentam que a tecnologia mudou os hábitos. Antes, os jovens saíam menos e, quando saíam, era para brincar na rua de casa. Hoje, muitos passam grande parte do tempo no celular, e isso diminui a interação social.

## Problemas que ainda existem

Mesmo com tantas melhorias, alguns problemas continuam. Os entrevistados apontaram, por exemplo:

- falta de limpeza em alguns locais do bairro;
- diminuição da importância da agricultura em comparação com o passado.

Um morador destacou que antigamente as pessoas tinham mais tempo para conversar; hoje, muitas ficam mais presas à tecnologia.

Quando ouvimos os moradores mais antigos, percebemos que, por trás das mudanças nas ruas e nas casas, existe um tema que aparece o tempo todo: o trabalho. É o trabalho na roça, o trabalho no serviço público, o trabalho que começa cedo, ainda na infância. No próximo capítulo, vamos ouvir essas histórias mais de perto.

# CAPÍTULO 5 – TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA NA COMUNIDADE

## Infância na roça e vida da agricultura

Nas entrevistas realizadas pelos alunos, uma moradora contou que vive no bairro desde 1952, quando ainda era criança. Ela lembrou que, naquela época:

- não havia água encanada nas casas;
- as pessoas buscavam água na caixa d'água da rua e em barreiros;
- a população vivia principalmente da agricultura.

Ela contou que, aos sete anos, já acompanhava a mãe no trabalho na roça. Essa lembrança mostra como muitas crianças participavam desde cedo do trabalho agrícola, ajudando no sustento da família.

Com o passar dos anos, algumas coisas melhoraram, como a chegada da água encanada e o aumento da infraestrutura urbana. Por outro lado, a agricultura diminuiu e já não é tão forte como antes.

## Serviço público e outras formas de trabalho

O município de Parazinho é motivo de orgulho para muitos moradores. Ao longo do tempo, a cidade conquistou:

- asfalto em algumas vias;
- escolas;
- posto de saúde;
- transporte, como ônibus para a capital.

Esses serviços só funcionam por causa do trabalho de muitas pessoas, incluindo aqueles que atuam no serviço público. As entrevistas mostram que esse tipo de trabalho é visto como importante para o desenvolvimento e organização da cidade, embora nem todos tenham acesso a vagas nesse setor.

## Festa da padroeira e união do povo

Uma moradora destacou que a festa da padroeira é um dos eventos mais importantes da comunidade. Segundo ela, antigamente as comemorações eram mais simples, mas o povo era mais unido. Mesmo tendo que trabalhar muito na agricultura, as pessoas arrumavam tempo para participar da festa, encontrar vizinhos e amigos e fortalecer os laços da comunidade.

## Saúde, perda e desigualdade

Essa mesma entrevistada compartilhou uma das lembranças mais dolorosas de sua vida: a morte do marido. Ela relatou que, quando o estado de saúde dele se agravou, o atendimento no município não foi suficiente e ele acabou falecendo. Segundo ela, na época, alguns profissionais que atuavam como “médicos” na cidade não eram formados.

Esse relato mostra como a falta de estrutura na saúde pode marcar a vida das pessoas e deixar feridas que duram anos. Ao falar sobre o futuro, ela expressou o desejo de ver melhorias na saúde, educação, lazer, segurança e meio ambiente, incluindo a conclusão das obras de urbanização que muitas vezes ficam inacabadas.

Se o trabalho revela como as pessoas lutam para sobreviver, a cultura mostra como elas festejam, descansam, criam e se reconhecem umas nas outras. Saindo das roças, dos postos de saúde e dos serviços, vamos agora para as ruas, para as festas, para as lembranças de infância e juventude que fazem Parazinho ser o que é.

# CAPÍTULO 6 – MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

*(Grupo 3 – Brayna Soares; César Nascimento; Maria Cruz; Cecília Trajano; Camila Trajano – Cultura, Lazer e Juventude / Memórias, Identidade e Futuro)*

## “A melhor infância do mundo”

Em uma das entrevistas do Grupo 3, uma moradora foi convidada a lembrar da sua infância e adolescência. Ela descreveu esse tempo como “a melhor infância do mundo”.

Na sua lembrança, as crianças:

- brincavam na rua, no campo, na praça e na escola;
- corriam, inventavam jogos, conviviam com vizinhos e amigos;
- tinham liberdade para brincar e quase não tinham preocupações.

Mesmo sem muitos recursos materiais, as memórias que ela guarda são de alegria, de brincar “até cansar”, de voltar para casa apenas quando escurecia. Para ela, a infância foi um período guardado no coração, cheio de brincadeiras e de convivência.

## Juventude de festas e encontros

Na adolescência, essa mesma moradora continuou participando de muitas atividades coletivas. Ela gostava de dançar, de ir às festas, de estar junto com os amigos. Conta que a juventude era marcada por encontros presenciais, conversas longas e momentos vividos principalmente nos espaços abertos do bairro.

Hoje, ao comparar com a realidade atual, ela percebe que muitas coisas mudaram:

- as ruas estão mais cheias de carros;
- o uso do celular ocupa boa parte do tempo dos jovens;
- os encontros presenciais diminuíram.

Mesmo assim, ela descreve sua infância e juventude como “maravilhosas”, marcadas por muitas festas, danças e amizades.

## Memórias dos estudantes

Além das memórias dos moradores entrevistados, este capítulo também traz lembranças escritas pelos próprios alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro. São recordações de lugares, pessoas, acontecimentos e sentimentos vividos na escola e no bairro. Ao registrar essas histórias, os estudantes mostram que a história da comunidade também passa pela mente e pelo coração de quem vive a infância e a juventude hoje.

### Memória 1 – Anny Evely Cavalcante de Lima – 9º ano

*“Uma memória marcante que eu tenho foi quando fui para a aula de campo que a escola promoveu para o Sítio Histórico e Arqueológico Gamboa do Jaguaribe. Fui com os meus colegas e professores, e foi um dia muito legal. Lá tem um rio que, segundo a história, era o lugar onde a onça bebia água, e eu achei isso muito interessante. Eu tomei banho no rio e foi muito bom. A gente conversou, riu bastante e aproveitou muito esse momento. Também aprendemos muito sobre o lugar. Foi um dia mais que especial. Até hoje me lembro desse dia, que foi muito importante para mim.”*

### Memória 2 – Brayna Soares da Silva – 9º ano

*“Como essa escola mudou minha vida. Tudo começou quando eu vim morar aqui. Eu achava que, como na primeira escola em que estudei, aqui ia ser tudo igual, mas não foi. Literalmente tudo mudou quando eu mudei de escola. No começo eu não gostei, mas eu nem imaginava que, nessa escola, ia ser o oposto da outra. No meu primeiro dia de aula foi incrível: todos me receberam muito bem. Fiz muitos amigos, principalmente em 2024. Foi o melhor ano, porque fiz amizade com pessoas incríveis e eu quero levar essas amizades para o resto da minha vida. Nessa escola eu me sinto eu mesma. Aqui quase não tem brigas, as pessoas se respeitam umas às outras, é uma escola acolhedora. É uma escola diferente das outras, gosto bastante de estudar aqui. E essa é uma pequena memória sobre a escola em que eu estudo.”*

### Memória 3 – Brayno Soares da Silva – 9º ano

*“Na verdade, não sei explicar bem, pois ouvi, através de um relato oral nas pesquisas para este livro, que a escola passou por vários momentos marcantes. Por exemplo: o dia em que a escola quase fechou, mas, com muito esforço dos professores e das pessoas que vivenciaram esse momento, a escola se recuperou e voltou a funcionar normalmente. Mas algo que também marcou para mim foi a boa vinda do professor Gilberto Cipriano que, na minha opinião, é um grande incentivador e um grande exemplo do que é a educação e do que o ensino pode fazer através do esforço de cada um de nós.”*

### Memória 4 – César Silva do Nascimento – 9º ano

*“Meu nome é César. Eu morava em Santa Luzia de Touros, mas atualmente moro em Parazinho. Vim morar aqui em 2019 ou 2020, acho que foi por aí. Antes eu estudava na Escola João Joaquim da Silva e agora estou na Escola Estadual Professor Miguel Monteiro. Eu tinha vergonha de ir para a escola porque não tinha me acostumado a ver novas pessoas, novas caras, mas, com o tempo, fui me apegando e me acostumando. Conheci pessoas novas, fiz várias amizades, conheci professores novos, as merendeiras, foi o máximo. Estou na escola há uns seis anos, eu não tenho muita certeza porque não me lembro muito. Dos professores, não tenho o que dizer, porque todos são maravilhosos. Amo eles de coração, mesmo. Estou no 9º ano e, se Deus quiser, vou para o 1º ano. Lembro de uma aula de campo que o professor Gilberto Cipriano fez com a minha turma e outras turmas da escola. Nesse dia foi o dia mais especial da minha vida, porque foi a minha primeira vez em uma aula de campo da escola. Nunca vou esquecer. Essa aula de campo marcou a minha vida, e o professor também. Muito obrigado por ter feito o dia mais feliz da minha vida. Vai ficar marcado para sempre na minha memória, lembro disso até hoje.”*

### Memória 5 – José Madson de Moraes Tavares – 9º ano

*“Em 2021, eu estava em uma aula de Matemática. Em certo momento, a professora passou uma atividade para a turma e eu pensei: “Agora me lasquei!”, pois eu não sabia quase nada de Matemática. Eu respondi de qualquer forma, até que a professora falou: “Sua situação está ruim!”. Então pensei que eu precisava melhorar. Desde aquele ano, eu sempre tiro um tempo para estudar. Isso foi bem marcante para mim.”*

## Memória 6 – Josué Vinicius da Silva Dantas – 9º ano

*“Em 2019, tudo começou na Miguel Monteiro. Foi onde conheci novos amigos e muitos professores bons. Nesse ano em destaque, eu conheci um menino que se tornou um dos meus melhores amigos, Kauã. Passamos muitas coisas boas e ruins juntos e, agora, no 9º ano, estamos produzindo este livro juntos. Isso é uma honra e, se Deus quiser, vamos terminar os estudos juntos.”*

## Memória 7 – Kauã Henrique Rodrigues Câmara – 9º ano

*“Minhas memórias mais marcantes vêm da escola, momentos de brincadeira, bagunça e união entre amigos. Lembro até hoje como eram as brincadeiras, cinco amigos fingindo serem cinco aventureiros e sempre existia um vilão infiltrado. Amigos que considero irmãos, outros que se distanciaram com o tempo, mas sempre serão importantes para minha vida, tanto escolar como pessoal.*

*Momentos como esses despertam a nostalgia que eu raramente sinto. É engraçado como, na época, a gente achava que aqueles dias seriam infinitos. A gente corria pelo pátio como se o mundo fosse pequeno demais para o nosso grupo, e cada “missão” de aventura parecia a coisa mais importante da vida. Hoje, olhar para trás dá um aperto no peito, porque percebo que a gente não percebeu o exato momento em que aquela leveza de criança foi embora. Não tinha preocupação nenhuma.*

*A escola mudou, o bairro já não é mais o mesmo e nós também não somos. Alguns dos meus “irmãos” de infância hoje nem quase entram mais, e isso é o que mais pesa. É aquela sensação de saber que aquela fase não volta mais, por mais que eu tente reviver tudo na memória. Foi ali, naquela bagunça, que eu era feliz de verdade e não sabia.”*

## Memória 8 – Layla Sofia da Silva de Sousa – 9º ano

*“Hoje vou falar sobre uma memória que tive na Escola Estadual Professor Miguel Monteiro. Eu estudava no quinto ano, minha professora era Dacilucy, inclusive, saudades dela ensinando. Parecia mais um recreio normal para mim, eu estava brincando com meus colegas, correndo, até que bati minha testa no pilar. Como? Nem eu lembro mais. Só sei que estava brincando, rindo e continuei correndo, só que o sangue pingou e, quando percebi, meu*

rosto já estava todo melado. Fui para o posto de saúde e levei dois pontos, eu chorei tanto. Tenho a cicatriz até hoje, então sempre que olhar para ela vou lembrar: Essa cicatriz foi lá na Miguel Monteiro”.

### Memória 9 – Maria Camila da Costa Trajano – 9º ano

“O legado do meu herói... meu avô era tudo para mim, ele era o meu herói, meu melhor amigo, meu confidente. Com ele eu sentia que podia contar, com alguém que entendia e me apoiava em tudo. Ele me ensinou a ser forte, a ser gentil e a nunca desistir dos meus sonhos. Sua presença era uma bênção na minha vida e sua ausência é um vazio que nunca será preenchido. Mas, mesmo não estando mais aqui, ele continua sendo uma grande inspiração para mim. Vou levar suas lições e seu amor comigo para sempre. Te amo, vô! E sempre vou lembrar de você com muito carinho.”

### Memória 10 – Maria Cecília Avelino Trajano – 9º ano

“Já faz algum tempo que moro aqui em Parazinho. Moro com minha mãe, minha vó e com as minhas irmãs, em nossa casa. Sou feliz com o que eu tenho aqui. Já morei em São Miguel do Gostoso, passei um tempo lá e voltei para Parazinho de novo, porque aqui é o nosso lugar para morar. Voltei por conta da amizade que tenho aqui, gosto muito desta cidade. É isso, não tenho muitas coisas para falar.”

### Memória 11 – Maria de Nazaré Nascimento da Cruz – 9º ano

“O local do meu nascimento foi em João Câmara e, desde que nasci, moro em Parazinho. No tempo em que fui crescendo, não tinha tudo o que se tem hoje em dia. Tudo foi mudando, cada vez mais, a cada dia. Morei em uma fazenda perto de Pedra Grande. Vivi muitas coisas lá que eu não consigo viver de novo. Hoje eu mudei muito. Antigamente eu não tinha brinquedo para brincar e hoje em dia também não tenho. Se eu pudesse voltar no tempo, ia ser muito bom. Na fazenda em que morei tinha plantações que nós mesmos plantávamos. A fazenda ainda está lá, mas não é mais como antes. Vivi lá quando meus pais viviam juntos. Já faz muito tempo, isso foi “nas antigas”. Aconteceram muitas coisas naquela fazenda em que vivi. Tenho muitas lembranças, mas algumas não são boas. No passado fiz muitas amizades, mas hoje não tenho mais contato com a maioria delas. Brinquei muito no passado

e hoje eu não brinco mais. Quando eu era mais nova, eu ainda tinha minha bisavó, que não está mais entre nós. É isso.”

### Memória 12 – Maria Eduarda Dias Jerônimo – 9º ano

“Eu vim falar da nossa viagem para as cavernas de Andradas. Foi uma viagem muito produtiva e divertida. Nós entramos em umas cavernas e descobrimos várias coisas sobre elas, seu tempo de existência e o que já se passou por lá antes de virar o que ela é agora, entre 1990 e hoje.

Uma dessas cavernas, há muito tempo atrás, era água, tanto que hoje ainda tem várias conchas dentro dela. Isso é uma de várias outras memórias registradas dessa caverna.”

### Memória 13 – Maria Eduarda Gomes – 9º ano

“Vou falar sobre um momento que marcou a minha vida, aconteceu no dia em que a nossa turma foi para a cidade de Jandaíra conhecer as cavernas subterrâneas de lá. Foi um dia inesquecível para mim, porque eu nunca tinha vivido algo parecido, foi uma experiência muito marcante. Quando entrei nas cavernas pela primeira vez, fiquei com muito medo, mas consegui vencer esse medo e explorar tudo.”

### Memória 14 – Maria Yasmim Fernandes dos Santos – 9º ano

“Uma de minhas memórias foi uma aula de campo que a escola nos levou para o Sítio Histórico e Arqueológico Gamboa do Jaguaribe, em Natal. Foi um dia muito legal. Tomei banho na lagoa, tive também o privilégio de tomar água no copo de barro na oca, experimentei o bejú e o amendoim, pinte o rosto com a tinta que eles fizeram com colorau (urucum).

Tirei bastante fotos com os moradores do Gamboa do Jaguaribe. Foi a primeira viagem em que fui pela Escola Miguel Monteiro. Foi muito gratificante compartilhar esse momento com os meus amigos. Esta aula de campo em Natal vai ficar marcada na minha memória para sempre!”

### Memória 15 – Mariany Cardoso Costa – 9º ano

“No ano de 2025, vivi um dos momentos mais importantes da minha vida ao começar a estudar na Miguel Monteiro, em Parazinho. Mesmo sem lembrar de todos os detalhes daquele primeiro dia, uma sensação nunca saiu

*de mim: eu me senti muito acolhida. Chegar em um lugar novo costuma dar medo, mas, naquele momento, foi diferente. Em vez de insegurança, senti tranquilidade, como se aquele espaço já fizesse parte da minha história.*

*Aos poucos, fui entendendo que não era apenas uma escola, era o início de uma nova fase, cheia de aprendizados e conquistas. Hoje, ao lembrar desse dia, meu coração se enche de gratidão e realização. Estudar nessa escola sempre foi um sonho e poder viver isso é algo que me emociona. Mais do que uma lembrança, esse momento se tornou uma prova de que vale a pena acreditar nos nossos sonhos, porque um dia eles se tornam realidade.”*

### *Memória 16 – Nara Victória Costade Oliveira – 9º ano*

*“Hoje venho falar de memórias muito marcantes para mim na escola. Os jogos interclasses do ano passado (2025) foram um dos momentos mais especiais que vivi. Foi um evento cheio de alegria, união e diversão entre todos os alunos. Tivemos o privilégio de participar e guardar essas lembranças no coração.*

*Também foi o último ano do professor Micharlhe na disciplina de Educação Física. Suas aulas eram sempre animadas, divertidas e cheias de aprendizados. Ele incentivava todos os alunos a participarem e aproveitarem cada momento. Com certeza, deixou muita saudade em todos nós.*

*A visita às cavernas de Jandaíra com o professor Gilberto Cipriano foi uma aventura muito especial, e a ida ao Gamboa do Jaguaribe, em Natal, também foi um momento marcante para todos. São memórias que vou guardar para sempre.”*

As memórias de infância e juventude, tanto das pessoas entrevistadas quanto dos alunos do 9º ano, mostram um tempo de liberdade e convivência intensa. Mas, quando olhamos para a juventude de hoje, surgem outras palavras: dificuldade, falta de oportunidade, drogas, ausência de projetos culturais. No próximo capítulo, são esses desafios que entram em cena.

# CAPÍTULO 7 – JUVENTUDE

## HOJE: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

### Desafios dos jovens na comunidade

Em outra entrevista, os alunos perguntaram:

*“Quais são os maiores desafios que os jovens da nossa comunidade enfrentam atualmente?”*

A entrevistada respondeu que os desafios dos jovens, “não só na nossa cidade, mas em muitos lugares”, são muitos e se juntam:

- alguns problemas vêm desde a infância, passam pela adolescência e chegam à juventude;
- muitas vezes o jovem não quer estudar, o que piora a situação;
- quando existe uma família que acompanha e orienta, as coisas tendem a melhorar, mas isso nem sempre acontece.

### Drogas e vulnerabilidade

Um dos pontos que ela considera mais preocupantes é a questão das drogas. Ela afirma que, quando as drogas entram na vida de um jovem, tudo fica mais complicado, pois é um caminho difícil de voltar atrás. Isso torna o futuro muito incerto e frágil.

Segundo a entrevistada, esses problemas podem começar:

- na escola,
- na família,
- na rua,
- ou em qualquer lugar onde o jovem vive.

Quando há dificuldades sociais, econômicas e familiares, a situação fica ainda mais difícil de enfrentar.

## Falta de projetos culturais e esportivos

A entrevistada também falou sobre a falta de incentivo cultural e esportivo. Na visão dela, falta um movimento mais forte de atividades culturais e esportivas nas escolas e na cidade:

- não há projetos contínuos de música, dança, teatro e apresentações;
- isso faz com que muitos jovens não encontrem espaços para se expressar e desenvolver seus talentos.

Ela acredita que, se houvesse mais oportunidades desse tipo, seria mais fácil envolver os jovens em atividades positivas e afastá-los do ócio, das drogas e do uso excessivo de celular.

## A força do incentivo

Para ela, o incentivo é fundamental:

*“Todo jovem gosta de música, de se apresentar, de mostrar o que sabe fazer. Falta alguém dizer: ‘Tenta, se der certo você continua; se não der, tenta de novo’. O que falta é esse empurrão, esse incentivo cultural para a juventude.”*

Quando o jovem está envolvido com algo interessante – como música, dança, teatro ou esporte –, ele acaba se afastando de coisas que podem lhe fazer mal e encontra novas possibilidades para o futuro.

Ao ouvir os jovens e adultos falando sobre dificuldades, também escutamos outra coisa: orgulho, acolhimento e carinho pelo lugar onde vivem. A dor e a esperança aparecem juntas. No próximo capítulo, vamos acompanhar essas emoções pelas vozes de quem fala da vaquejada, do acolhimento e do desejo de continuar morando em Parazinho.

# CAPÍTULO 8 – ORGULHO, DOR E ESPERANÇA

## Edileusa e a vaquejada: primeira imagem da comunidade

Em uma das entrevistas, os alunos perguntaram a Edileusa:

*“Quando você pensa na nossa comunidade ou bairro/cidade, qual é a primeira imagem ou lembrança que vem à sua cabeça?”*

Ela respondeu que a primeira imagem é a vaquejada. Segundo Edileusa, a vaquejada era um evento que acontecia em um espaço da cidade desde que ela chegou, por volta de 1979. Era uma festa muito grande, que trazia muita gente de fora e deixava a cidade muito movimentada:

- havia bandas de fora;
- o lugar era simples, mas ficava cheio;
- o comércio e as ruas ganhavam outro ritmo.

Para ela, quando pensa na comunidade, a imagem que surge é justamente essa vaquejada animada.

## O acolhimento como maior riqueza

Os alunos também perguntaram:

*“Na sua opinião, o que existe de mais valioso ou bonito na nossa comunidade? Pode ser uma qualidade do povo, um lugar, uma história, uma tradição?”*

Edileusa respondeu que, para ela, a maior riqueza da comunidade é o acolhimento. Ela afirma que as pessoas de Parazinho são muito acolhedoras e carinhosas. Quando chegou para trabalhar na vigilância da cidade, foi muito bem recebida. As pessoas ajudaram na sua adaptação e a trataram com respeito e atenção.

Por isso, Edileusa diz que o que melhor representa a comunidade é essa maneira acolhedora de receber quem vem de fora.

## Orgulho de viver aqui e preocupação com o emprego

Em outra entrevista, o Grupo 3 perguntou a uma moradora:

*“Do que você mais se orgulha quando fala deste lugar para alguém de fora? O que mais te preocupa ou entristece na realidade atual da comunidade?”*

Ela respondeu que sente muito orgulho da cidade. Para ela, Parazinho é “uma ótima cidade de se morar”, um lugar tranquilo, com pessoas conhecidas e uma história que ela aprendeu a amar.

No entanto, sua principal preocupação é a falta de oportunidades de emprego:

- muitos jovens gostariam de permanecer na cidade, mas não conseguem trabalho;
- alguns acabam precisando se deslocar para outros lugares, “se mudar para fora”, para conseguir emprego;
- essa falta de emprego faz com que muitos tenham que oscilar entre ficar e sair, o que dificulta os planos de futuro.

Ela sonha com um futuro em que a comunidade ofereça mais vagas de trabalho e condições para que os moradores possam viver com dignidade sem precisar ir embora.

Depois de ouvir professores, agricultores, trabalhadores, jovens e moradoras que guardam a memória das festas, voltamos para quem começou tudo isso: os estudantes. Como foi para eles pesquisar, entrevistar, ouvir e escrever sobre a própria comunidade? É isso que vamos contar no último capítulo.

# CAPÍTULO 9 – O PROJETO E OS ESTUDANTES PESQUISADORES

## Bastidores da pesquisa: erros, acertos e recomeços

O projeto “Memórias da Comunidade: a história que não está nos livros” foi uma experiência nova para todos os alunos. Em vez de apenas copiar conteúdo do quadro, eles tiveram que:

- sair de casa para entrevistar pessoas;
- organizar perguntas;
- ouvir com atenção;
- transformar falas em texto.

Nem sempre foi fácil. O próprio Grupo 3 registrou:

*“Nosso grupo, na primeira semana, não foi totalmente organizado para fazer o projeto que foi passado pelo professor Gilberto Cipriano. Algumas pessoas do grupo fizeram separado e outras juntas. Eu, Nazaré, entrevistei Camila, Camila entrevistou o namorado e César entrevistou a mãe dele. Todos nós fizemos isso na manhã do dia 31 de março do corrente ano, mesmo sabendo que nós tivemos quase uma semana para fazer as pesquisas. Por não compreendermos bem as nossas atribuições, vamos concluir esta etapa ainda nesta semana.”* E, concluíram.

Esse relato mostra que a pesquisa histórica também é um aprendizado sobre responsabilidade, divisão de tarefas e compromisso com o grupo. Com o tempo, os estudantes foram se organizando melhor, reescrevendo textos, corrigindo erros e percebendo o valor do que estavam registrando.

## O que aprendemos sobre a comunidade

Ao longo do projeto, os alunos descobriram que:

- a escola Miguel Monteiro é mais antiga que o próprio município de Parazinho; nas entrevistas com o ex-diretor Enoque Bezerra e com a ex-diretora Maria Elita, entendemos também como a escola quase fechou em 2009 e foi salva graças à mobilização da comunidade.
- o Pé de Figo, que hoje é símbolo da cidade, nasceu de um galho que parecia sem vida;
- muitas famílias viveram da agricultura, carregando água de barreiro e trabalhando desde cedo;
- a cidade mudou muito com a chegada da água encanada, da energia elétrica e do calçamento;
- a festa da padroeira, a vaquejada e as brincadeiras na rua fazem parte da identidade local;
- ao mesmo tempo, ainda existem grandes desafios, como a falta de emprego, problemas na saúde, obras inacabadas e falta de projetos para a juventude.

## O que aprendemos sobre nós mesmos

Os estudantes também aprenderam sobre:

- o valor de ouvir os mais velhos com paciência;
- a importância de registrar histórias que, se não forem contadas, podem se perder;
- a responsabilidade de escrever sobre outras pessoas com respeito;
- a sensação de se reconhecer como autores de um livro, e não apenas leitores.

Mais do que um produto final, este e-book (e, futuramente, o livro físico) é um convite para que a comunidade continue contando suas próprias histórias. Que este seja apenas o primeiro volume de muitos, e que outros alunos, em outros anos, deem continuidade a essa tarefa de registrar a memória viva de Parazinho.

**Figura 8 - Os alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro com o professor e organizador Gilberto Cipriano do Nascimento e as professoras da Educação Especial Joelma Pereira e Sinesia Gomes, em surpresa de aniversário ao professor Gilberto Cipriano realizada durante uma das aulas do projeto Memórias da Comunidade. Parazinho (RN), 28 de abril de 2026.**



# APÊNDICE – FONTES ORAIS CONSULTADAS

Este livro foi construído a partir de entrevistas realizadas pelos alunos do 9º ano da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, entre março e abril de 2026, no município de Parazinho (RN). As entrevistas foram gravadas, transcritas e organizadas pelos próprios estudantes, sob orientação do professor Gilberto Cipriano do Nascimento.

**Enoque Bezerra da Silva** – 62 anos. Ex-aluno, ex-professor, ex-diretor e ex-vice-diretor da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro. Entrevistado em 28 de março de 2026, em sua residência.

**Maria Elita Cosmo da Silva Oliveira** – 68 anos. Ex-aluna e ex-diretora da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, à frente da gestão de 2009 a 2016. Entrevistada em 13 de abril de 2026, em sua residência.

**Elizaberte Cosme de Miranda** – 76 anos. Moradora de Parazinho desde os seis anos, ex-servidora pública e ex-funcionária da Escola Estadual Professor Miguel Monteiro por 26 anos. Entrevistada em 11 de abril de 2026, em sua residência, pelo Grupo 1.

**Jonas Mariano** – Morador antigo de Parazinho. Entrevistado pelo Subgrupo A do Grupo 2, em pesquisa de campo realizada na cidade.

**Senhora ligada à antiga vala de Parazinho** – Moradora cuja identidade foi preservada a pedido da entrevistada. Seu marido trabalhou na construção da vala, na década de 1980. Entrevistada pelo Subgrupo A do Grupo 2.

**Moradora presente desde 1952** – Moradora cuja identidade foi preservada a pedido da entrevistada. Chegou ao bairro ainda criança e compartilhou memórias do trabalho no roçado, da busca por água e das transformações da cidade. Entrevistada pelo Subgrupo B do Grupo 2.

**Edileusa** – Moradora de Parazinho desde aproximadamente 1979, atuou na vigilância da cidade. Entrevistada pelo Grupo 3.

**Moradora entrevistada sobre orgulho e emprego** – Identidade preservada a pedido da entrevistada. Compartilhou reflexões sobre o orgulho de viver em Parazinho e as preocupações com a falta de emprego. Entrevistada pelo Grupo 3.

**Moradora entrevistada sobre desafios da juventude** – Identidade preservada a pedido da entrevistada. Falou sobre os maiores desafios dos jovens da comunidade, o impacto das drogas e a falta de projetos culturais. Entrevistada pelo Grupo 3.

# SOBRE O ORGANIZADOR

## Gilberto Cipriano do Nascimento

Historiador pela Universidade Estácio de Sá e possui ampla formação em pós-graduação: é especialista em Educação de Jovens e Adultos - também pela Universidade Estácio de Sá, em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo IFRN, em Filosofia pela FAVENI, em Teologia e Educação Cristã pela FASU e em Liderança Cristã pela Faculdade Internacional Cidade Viva. É Mestre em Teologia pelo Instituto de Formação Acadêmica (FATEB) e Mestrando em Educação pela Ecumenical World University, nos Estados Unidos. Atua como professor de História na Escola Estadual Professor Miguel Monteiro, em Parazinho (RN), e é Cidadão Jandairense e Parazinhense honorário. Autor e organizador de diversas obras publicadas idealizou e coordenou o projeto "Memórias da Comunidade" com os alunos do 9º ano em 2026, transformando a sala de aula em espaço de pesquisa histórica e registro da memória oral de Parazinho.





**AYA EDITORA**  
**2026**